

UTI neonatal do HU está superlotada

Unidade voltou a operar com excesso de atendimento; demanda aumentou com o fechamento da Santa Mônica para reforma

OLÍVIA DE CÁSSIA
REPÓRTER

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Neonatal do Hospital Universitário (HUPAA), no Tabuleiro do Martins, voltou a apresentar superlotação e no final da tarde de ontem estava adaptada com 28 bebês onde a capacidade é de 15, no local destinado aos pacientes da maternidade-escola Santa Mônica, e 18 na Unidade de Cuidados Intermediários (UCI), onde a capacidade é de dez bebês, do Hospital Huniversitário.

A situação é considerada preocupante depois da paralisação das atividades na Maternidade Santa Mônica e segundo Lúcia Amorim, diretora médica da maternidade do HU, a demanda no local aumentou e muito. "Se você tem dois hospitais que estão fazendo alto risco e

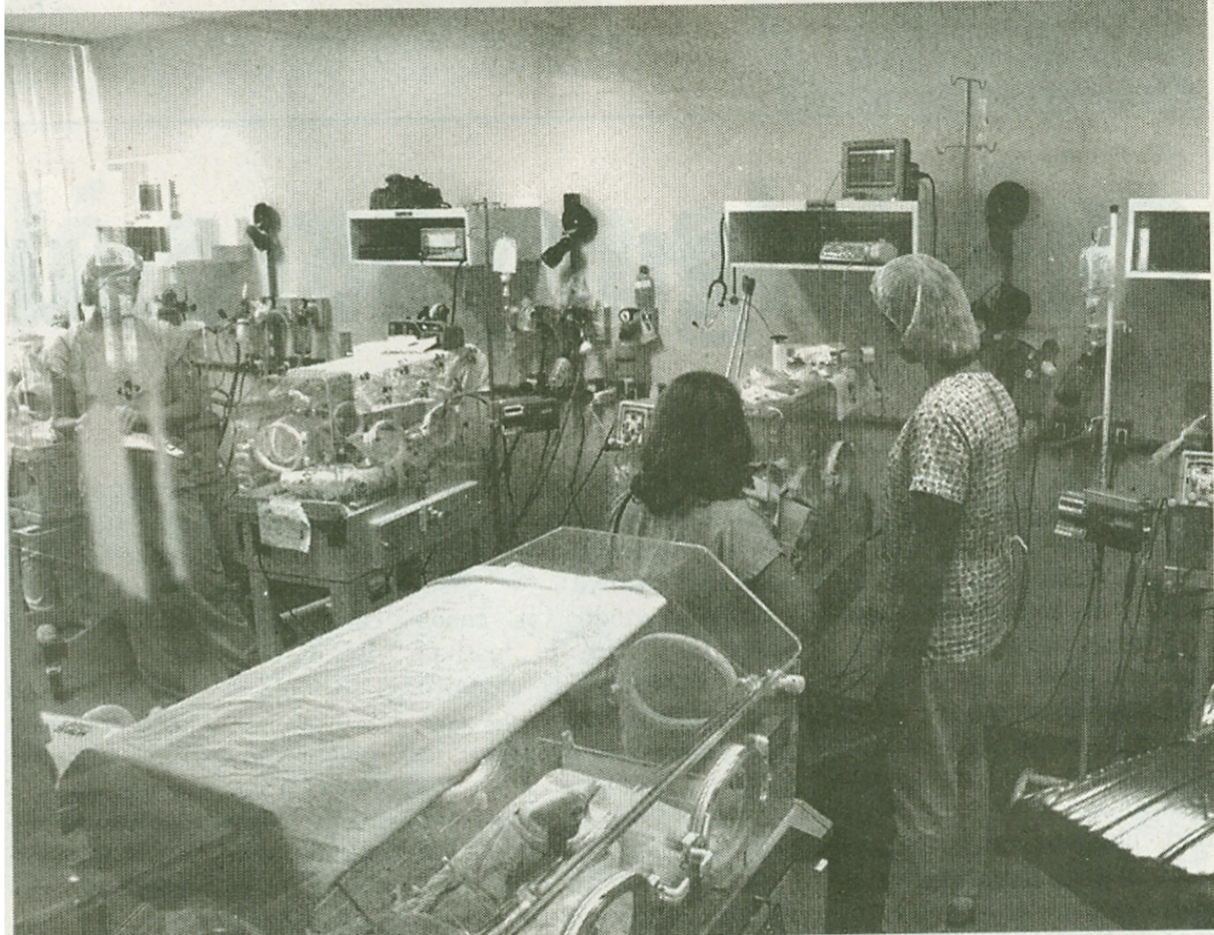
passa a funcionar em um só com o mesmo número, isso resulta na superlotação. A gente já tem uma grande demanda com as duas maternidades funcionando, imagina agora. A realidade é que a maternidade Santa Mônica sempre estava muito cheia e aqui também, só que não tínhamos essa realidade dos corredores", observou.

Lúcia Amorim disse que depois que os serviços da Santa Mônica foram transferidos para o HU, o hospital só está atendendo alto risco, mas faz a triagem de todas as gestantes. "Quando a paciente é de alto risco fica internada nas enfermarias; quando é de baixo risco a gente liga para o Cora (Complexo Regulador de Maceió) e as gestantes são distribuídas para as quatro maternidades (Santo Antônio, Nossa Senhora da

Guia, Hospital dos Usineiros e Nossa Senhora de Fátima)", explicou.

A diretora médica ressalta que num espaço onde deveriam estar 12 gestantes, há 28. Já a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Neonatal abriga 46 bebês, quase o dobro da capacidade. As mulheres que estão no corredor, segundo a ela, estão internadas, mas a maternidade não tem leito disponível dentro das enfermarias.

É o caso de Juliana de Souza, 24 anos, residente em Maceió, que estava no corredor da maternidade tomando soro, enquanto aguardava um leito em uma das enfermarias. Juliana Souza está esperando o segundo filho e terá o bebê em parto cesariana. "Estou aqui desde ontem esperando, mas não tem vaga", disse ela.



ADAILSON CALHEIROS

UTIs do HU e da Santa Mônica juntas têm capacidade para 25 bebês, mas já estavam operando com 46

RECORRENTE

Unidade chegou a fechar as portas para gestante de risco habitual

Não é a primeira vez que a situação fica crítica no Hospital Universitário e já havia sido registrada em agosto. Na época, a unidade chegou a ficar com 33 gestantes no pré-parto e fechou as portas para novas pacientes, classificadas como "demanda espontânea". À época, a Secretaria de Estado da Saúde (Sesau) afirmou que não havia medida emergencial a ser tomada diante da superlotação.

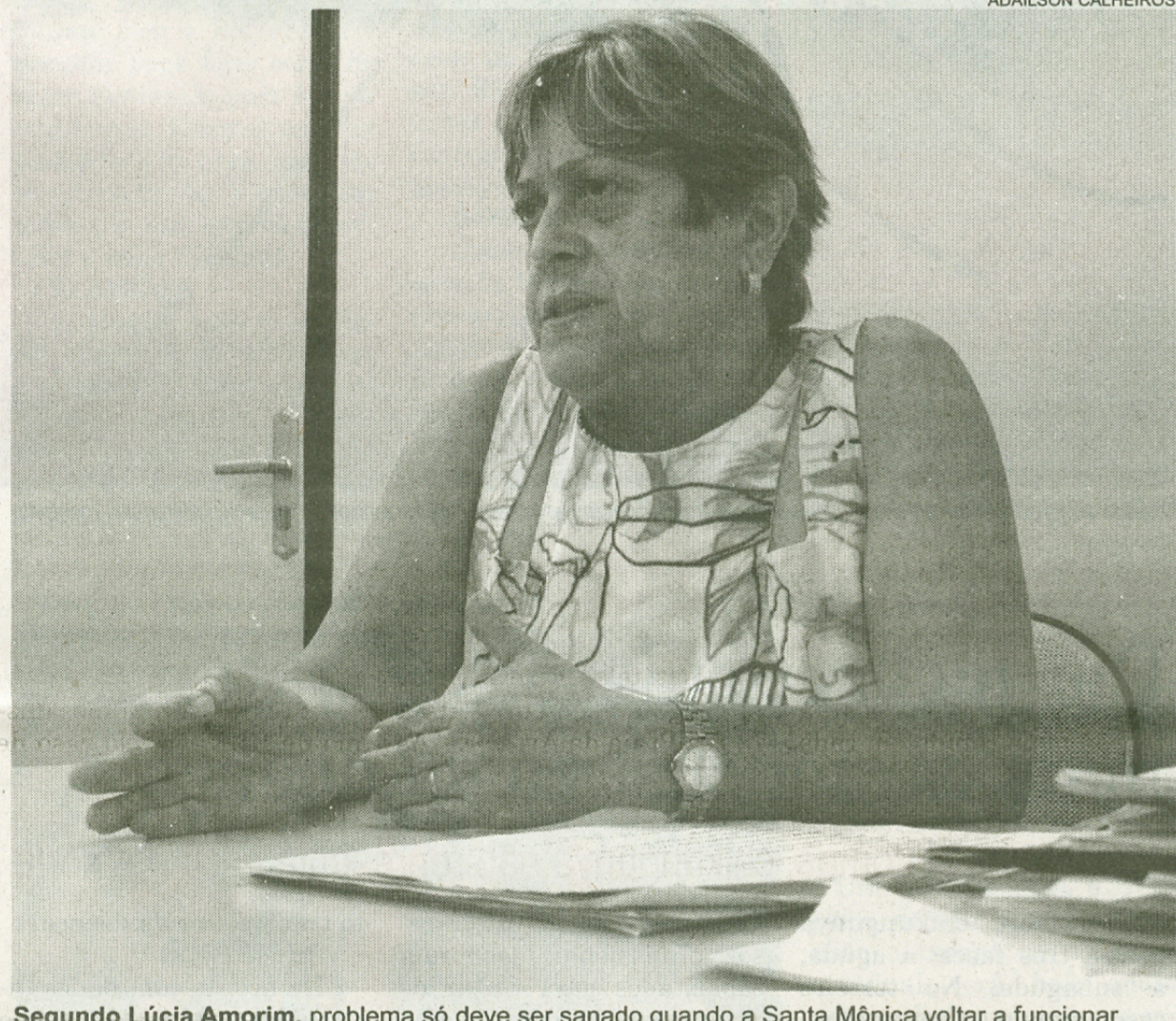
Lúcia Amorim destaca ainda que em três enfermarias da maternidade são divididos os doze leitos, sendo que cinco são destinados às pacientes com eclampsia, mas como a demanda atualmente é grande, "na enfermaria

que era para ter dois leitos deve ter umas seis agora, as mulheres que estão no corredor, e ainda as que estão no sexto andar, destinado a pacientes clínicos ou que já foram submetidas a algum tratamento, como curetagem ou cesariana", observa. A UTI do Hospital Universitário, segundo Lúcia Amorim, deveria estar somente com 25 recém-nascidos e, além das grávidas no corredor, outras duas foram colocadas na sala de triagem, usada apenas para fazer a avaliação das pacientes.

"Se você vier fazer uma reportagem daqui a dois dias, o quadro já mudou, é muito cíclico e depende da demanda; a rotatividade na mater-

nidade é muito grande; estamos trabalhando no mesmo ambiente e com o mesmo número de leitos; não há como comportar todas as pacientes que chegam. Já sabíamos que isso ia acontecer. Se você junta dois serviços num só, com a mesma infraestrutura, é impossível não ter superlotação", pontua.

Segundo a médica, o problema só será sanado quando a Santa Mônica voltar a operar e as duas voltarem a dividir o número de atendimentos. "Se a situação já era difícil com as duas funcionando, imagine com uma só; até agora não temos previsão de quando voltará o funcionamento", argumentou.



ADAILSON CALHEIROS

Segundo Lúcia Amorim, problema só deve ser sanado quando a Santa Mônica voltar a funcionar